

Se estagnação é estabilidade, urubu é ‘meu louro’

Quem conversou com FFHH nas últimas semanas viu-o abatido. Guardadas as diferenças de temperamento, parecia José Sarney no último ano de mandato. Sente-se injustiçado pela opinião pública, pelos aliados políticos, pelo PSDB e até mesmo por alguns de seus amigos. Queixa-se da falta de reconhecimento pelo que fez e da falta de compreensão das dificuldades que enfrenta.

É pena, mas o seu desempenho na Presidência justifica esse sofrimento. É ele quem torna impossível a defesa de sua administração. Uma pessoa disposta a repetir o que o Planalto diz corre o risco de passar por tola e desinformada.

Na semana passada ele produziu um cruel exemplo para a compreensão dessa desgraça. Diante da informação de que a economia brasileira sofreu uma contração no ano passado, disse, por intermédio de seu porta-voz, que isso não significou recessão, mas estabilidade: “A boa notícia é que em 1998 não houve recessão, a não ser essa pequena alteração”.

O IBGE informara que, de acordo com a última revisão das estatísticas nacionais, a soma dos bens e serviços produzidos pelo país (PIB) caiu 0,12% em 1998. Como a produção ficou estagnada e a população cresceu, disso resultou uma queda de 1,54% na renda per capita dos brasileiros. Um resultado ruim, sobretudo porque atravessou a linha mágica que separa os números positivos dos negativos. Desde a segunda metade da década de 30, é a sexta vez que isso acontece. A última contração do



NA MONTAGEM, o presidente Fernando Henrique Cardoso, com a faixa presidencial, e um pedaço do Universo

PIB, igualmente branda, deu-se em 1992.

Sem que FFHH possa ser integralmente responsabilizado pela desgraça dos últimos 20 anos da vida nacional, a economia cresce a um ritmo pelo qual serão necessários 120 anos para dobrar a renda per capita dos brasileiros. Entre 1947 e 1980, ela dobrou a cada 18 anos.

Chamar estagnação econômica de estabilidade é deboche. Dizer que é “boa notícia” chega a ser demência. Quem duvida, pode acom-

panhar o que o próprio Governo prometeu.

Em dezembro de 1996, no auge do populismo cambial, FFHH informava que no ano 2000 o PIB brasileiro poderia chegar a US\$ 1 trilhão. Para honrar a projeção, a economia precisa crescer 30% até dezembro do ano que vem. Uma taxa em torno de 1% ao mês.

Quando FFHH vendia esperança, o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, adver-

tia (em documentos que a choldra só leu há poucos dias, graças à repórter Miriam Leitão) que “estamos do ponto de vista macroeconômico numa trajetória insustentável”.

Em fevereiro do ano passado o ministro Pedro Malan informava que “1998 será o sexto ano consecutivo de crescimento do PIB”. Seu otimismo ia além. Criticava “os palpiteiros e aqueles que repetem como papagaios aquilo que ouvem de alguns críticos”.

Mendonça de Barros tinha um palpite diverso (sempre em sigilo, porque em público papagaiava o lero-lero da ekipekonómica): “Em resumo, temos grandes emoções diante de nós: continuamos encatados”. Achava que se deveria pensar numa “formulação mais global que requer, naturalmente, a participação do superchefe”.

Tempo perdido. O superchefe anunciava que “nós vamos crescer, crescer com estabilidade e, no fim deste ano, já estaremos rodando, de novo, a economia numa taxa de 3% a 4% ao ano”.

De nada adiantava que um palpiteiro como o professor Jeffrey Sachs, da Universidade de Harvard, advertisse:

“É quase certo que o Brasil vai sofrer uma queda no PIB per capita em 1998. O desemprego está subindo. Está longe de estar garantida uma trajetória de melhora nos padrões de vida.”

Quando o ano terminou, o superchefe disse que “com o crescimento do ano passado (estimado pelo IBGE em 0,15%), as expectativas para 1999 são boas. Não se nega a realidade, as dificuldades do momento, mas estão se abrindo novos horizontes.”

Não houve crescimento em 98, nem abriu-se novo horizonte neste ano.

O Governo prometeu o que não podia entregar. Fez isso sabendo os riscos que a população corria. Feita a ruína, chama estagnação de estabilidade.

Está na situação da médica de um hospital do Rio que anotou na ficha do paciente: “Paciente bem. Continua em coma”.